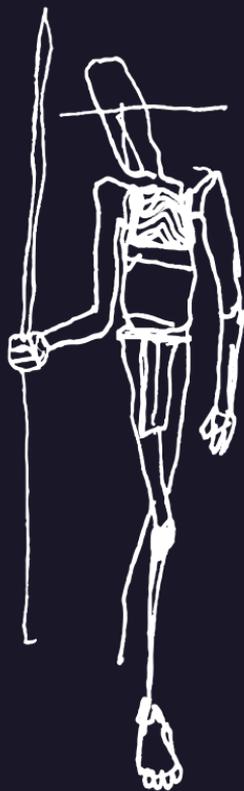


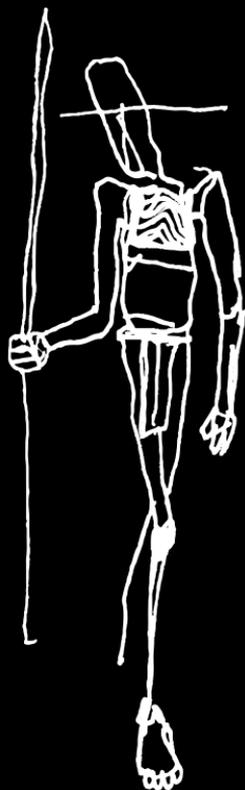
pás
sa
ro
fa
lha
do



thiago batista

Em um tempo de estímulos para se engajar em defesa de posições, disputas de narrativa, em que todos falam e ninguém lê ou ouve ou vê além da sua bolha, há espaço para o poeta que não abdicou do devir da linguagem que chamamos poesia? Este livro nos responde que sim, apesar de tudo. Este é um tempo tagarela em que o mesmo narcísico e surdo abomina o que escapa ao raio dos seus algoritmos. Mas ser consciente do ofício solitário-solidário que é o ofício do poeta deu a Thiago Batista a paciência para maturar seu primeiro voo na literatura, e pegar pela mão as vozes que ele abraça e que o abraçam e arrastá-las para fora de si. Alheio às modas, nestes poemas antigas vanguardas e novas ancestralidades gingham e jogam na roda. Por isso vejo este Pássaro Falhado como desitinerário de voo, mas também como livro-encruzilhada, em que se atravessam distintos (des)caminhos, Marahus, Andaras, aruandas, naves do nada, flechas, fluxos. Tudo transcrito no laboratório dessa gira seminal e semovente, e que é antes de tudo consciência da tra(d)ição poética. O poeta, embora ainda em seu primeiro livro, já não tem medo de levar adiante a herança de roubar o fogo lírico em que se desdizem e redizem a imagem e a palavra. Borrá para que melhor se veja. Por isso, nenhum código, programa, ou plano piloto é asa bastante para sustentar sozinho esse projeto-desejo de voo; nem só o preto da letra, nem só o branco da página, nem só som ou o silêncio, nem só a foto, nem só a cor e nem só o invisível. Para lê-lo, é preciso antes buscar um olho d'água, aquele que compreende o profundo e o raso, o claro e o escuro, aquele que sabe que o ser se faz de montantes e jusantes, e de um confluir-se. Portanto, este livro-encruzilhada nos provoca barthesianamente a perceber o v/l/er-ouvir enquanto um gesto de intencionalidade inquieta, como jogo de ir-se além, lembrando-nos que a poesia é isto, movimento e não-lugar de fal(h)a.

pás
s a
r o
f a
l h a
d o



thiago batista

MEZANINO
EDITORIAL

Copyright 2024 © Thiago Batista

Editoração Eletrônica

Nonato Moreira

Capa

Thiago Batista e Marcílio Caldas Costa

Desenho da Capa

Gustavo Azevedo dos Santos

Projeto gráfico

Mezanino Editorial

Editores

Elaine Oliveira e Marcílio Caldas Costa

Ficha Catalográfica

Edilene Amorim

Mezanino Editorial. Contatos:

(91) 98958.7299 / (91) 98487.0321 / (91) 98036.5244

e-mail: mezaninoeditora@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B333p Batista, Thiago.
 Passáro falhado / Thiago Batista. – Belém: Mezanino
 Editorial, 2024.
 72 p. ; 13x19cm.

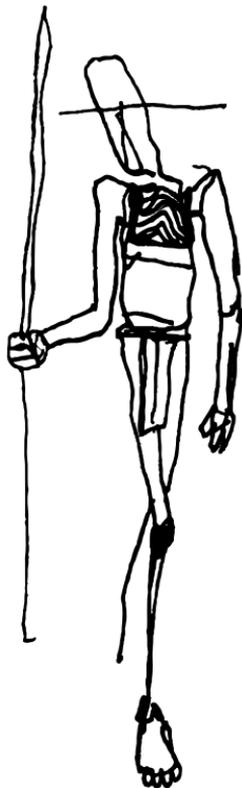
ISBN: 978-65-85131-09-4

1. Literatura brasileira 2. Poesia paraense. I.Título.

CDD - 23. ed. B869.1098115

Catalogação na fonte: Edilene Socorro Bonifácio Amorim – CRB-2/1.421

pás
s a
r o
f a
l h a
d o



thiago batista

OBRA PREMIADA NO EDITAL 2023 DE OBRAS
LITERÁRIAS E DE NÃO FICÇÃO DA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ.



FUNDAÇÃO
CULTURAL DO
ESTADO DO
PARÁ



GOVERNO DO
PARÁ
POR TODO O PARÁ

MEZANINO
EDITORIAL

Súmarío

Ebó	17
É preciso cuidar bem da vida	18
salto para a vida	19
Mata	20
Subscrito	21
ofício	22
Resíduo	23
para paulo plínio abreu	24
Arraigada no coração do tempo	25
Assumpção	26
à tarde	27
Subterrânea	28
modorrentas tardes de outubro	29
mirando o poente	30
Corpo d'água	31
pergunte ao pó	32
Menino velho	33
casaquarto	34
No papel manchado de azul	35
Os pés de três trabalhadores rurais	36
uma revolução há de ser silenciosa	37

krônika	38
03 de outubro de 2022	39
este nosso destino	40
abriga o rio e o rito	41
Sangrado	42
e n r a i v a d a	43
Fera voz	44
Nativo	45
Itaipu	47
escr Ita	48
palavras impronunciadas	49
Devorou os últimos copos que havia na despensa	50
Pássaro azul	51
Ver em teu seio o azul	52
o iR	53
Nome	58
Pássaro falhado	59
deve ter um nome para quem tem fobia às formigas	61
Grave e anedótico	63
Pequena branca de neve	64

*À Isabelle Pantoja, beleza e verdade em minha vida.
Ao Bem, meu filho, amor maior e tão sonhado.
Saravá à Ibejada!*

PARA ABRIR CAMINHOS

E há aves caindo do céu e se transformando em terra.

(Vicente Franz Cecim, A asa e a serpente)

Digo logo.

Pássaro falhado é um desejo de voo, à maneira de uma aprendizagem noturna como a de que fala Bachelard, sobre o pássaro ser aquele que carrega consigo a potência de uma imagem primeira, “aquela que vivemos nos sonos profundos de nossa juventude feliz”¹. Em *Pássaro falhado*, lemos a emoção poética em sua nascente de imprecisão e incompletude “devinda”² no desejo como instância imprecisa porque deslizando. E isso está inscrito nas palavras que o compõem, diríamos mesmo, entranhado, ou mesmo incorporado no laço repetido em “sei da cor da tua terra pele / sei do cheiro da tua terra nua / sei o quanto teu coração aflito... / anseia o beijo da ave noturna”.

Desejo e saber têm enlaces antigos. Em *Pássaro falhado*, o saber desejante é *desiderum*, este é controverso ao ato de considerar como ato de “ver”, no sentido de saber sobre o destino ao olhar os astros. Compreende-se, assim, o retorno de “sei” quando “o orvalho em teus olhos / segreda o desejo / estarem fechados / e ver”. Compreende-se então que “ver”, no verso,

1 BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 67.

2 Neologismo verbal desdobrado do substantivo *devir*, como ideia de movimento.

e em *Pássaro falhado*, é “inver”, como ato de negação e internalização corporificada e ctônica de nudez e de enlace com a morte; e compreende-se o “voo rasteiro”, sem repouso, desse pássaro que vive em liberdade na noite sem fim.

Difícil não falar do enlace com o obscuro objeto do desejo que vive no irrealizável, em meio aos fantasmas de signos de metamorfoses incessantes, e também da relação que isso tudo mantém com a resistência à lei simbólica e sua interdição ao desejo do desejo do desejo do desejo... Isso tudo refletido em um movimento próprio da poesia que é irreduzível ao visível, à via de mão única e ao seu apagamento, senão mesmo irreduzível ao seu acabamento, ou mesmo ao seu desencantamento³.

Como não perceber no poema de abertura o enlace antigo do saber desejanste como lança, seta, flecha e arremesso, dessa espécie de *oréxis* grega a significar lançamento para atingir o alvo, e *hormê* como aquele que se prepara para pôr em movimento. Um poema Ebó-Ofá-Ori circunscrevendo um sagrado resistindo ao tempo de “emboras”, a solicitar, a atacar, a dirigir. E lançado a um “pássaro monstruoso” nesse Ebó, dito: “**Embora** na boca sintas o gosto úmido da terra / **Embora** teus olhos não tenham mais a mesma ternura”. E a poética de *Pássaro falhado* traduz-se nessa incorporação da palavra reificante de desejo, irreduzível a qualquer imobilidade, por isso “falho”, por isso sem rigidez, por isso sem voo vertical, por isso sem ereção, em movimento de elegias de uma “magia negra”

3 Em “Laços do desejo”, Marilena Chauí escreve sobre a trajetória de desencantamento do mundo que a modernidade instaurou, qual seja, a de que “a realidade não encerra mistérios”. In: NOVAES, Aduato (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990..

retornada em *desiderium*, à maneira de uma oração, porque repetida e ressonante há muito tempo; em uma Elegia rilkeana: “Os Anjos (dizem) muitas vezes não sabem / se caminham entre vivos ou mortos.” (...) “Assim a flecha ultrapassa a corda para ser no voo mais do que ela mesma”⁴; ou em uma Oração da Cabra Preta, de Bruno de Menezes: “No silêncio fatigado da rua de arrabalde, / como uma sombra mastigando obí, / mestre Desidério / pára no meio do caminho”⁵.

Saber desejan-te de aprendizagem noturna que está no movimento em devir, ao modo desse tempo que escoo como o rio, assentado em um Orí cuja dinâmica é o da vida e da morte, oiR, OIR, palavra-som imergindo na escuridão, tornando-se imagem num acontecimento fantasmático graduado pelos *frames*, através de um processo de revelação em diálogo com ela mesma, a fotografia, como espécie de “magia negra” que doa sentido ao capturar a luz, sentido este contido nos retratos do poeta, espelhados em dois quadros, como duas asas falhadas, porque assimétricas em dimensão. O “oiR” fotográfico do poeta, esse pássaro noturno escrito e finalmente revelado em poema: “desejo do corpo / hábito do rio / o ir inquietude”. E a palavra-som imergida retorna como poema-desejo, e esse “desejo do corpo” a evocar uma metafísica em que o indeterminado procura a determinação, em que o incorpóreo procura o

4 “Engel (sagt man) wüßten oft nicht, ob sie unter lebenden gehn oder Toten” (...) “wie vom Pfeil die sehne besteht, um gesammelt im mehr zu sein als er selbst”. In: RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duino*. Trad. Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013. Trecho da Primeira Elegia.

5 In: Menezes, Bruno. *Batuque*. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 1966.

corpóreo, em que o móvel procura o imóvel⁶.

Mas o “desejo do corpo” me aparece como sintoma de uma tragédia aparecida nessa espécie de novo Édipo, ou revolução edípiana à maneira de que Jacques Rancière escrevera em *O inconsciente estético*⁷ em que o saber se define como afeto ou doença, assim Édipo é aquele que sabe não sabendo, vê não vendo, e aí estamos totalmente na poética que se mostra em sua materialidade estética, de inconsciente estético, impossível de ser representado senão na “claridade confusa” de Baumgarten, citado por Rancière. Como não extrair dos poemas de *Pássaro falhado* como *Mata*, *Subscrito*, *Resíduo*, *No Papel Manchado De Azul*, *Os Pés De Três Trabalhadores Rurais*, *Este nosso destino*, *Sangrado*, *Enraivada*, *Fera Voz*, *Nativo*, *Itaipu* o sintoma do antiédipo, o de olhos perfurados, dos versos finais do poema que dá nome ao livro?: que aqui o transcrevo em drama, como fala de uma tragédia em ato: “ – o orvalho em teus olhos... sei, segreda o desejo de estarem fechados, e ver”.

No poema *Itaipu*, os olhos perfurados vêm refletidos na tragédia de Sete Quedas. Foi notícia de jornal nacional como um grande feito da civilização. Um horror, na verdade, do mais estrondoso pesadelo. Quem não sofre uma dor fantasma pelo destino dos indígenas de todo o mundo? Considero indígena todo aquele que vive de sua terra e para ela, em tudo que a envolve. O poema envolve esse ato assombroso da queda, de uma redução, extinção violenta da beleza das pedras tocadas

6 Conferir Aristóteles. *Metafísica*. Lambda, 7, 1072^a 20-30, 1072b.

7 RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

pelas águas para uma ironia ácida desse nome-hidrelétrica. Tem um texto curto do qual gosto muito, de Camus, *A Queda*, nele um homem (ex) civilizado conversa com uma fera no bar de Amsterdã, ele carrega consigo uma espécie de culpa, de um corpo que ouvira cair no canal do Sena, em Paris. É isso, o poema chora, lamenta, réquiem de revolta. Tem ecos dos estrondos: “agora” e “ar fora”. Em “Selvagens, bárbaros, civilizados” tem-se que “a unidade primitiva, selvagem, do desejo e da produção, é a terra”⁸.

Os três poemas finais enganam sobre um riso possível, este é intermitente e fingido porque qualquer mínima vida não vivida em sua plena existência irrompe um desastre nessa subjetividade primitiva. Vida e subjetividade talvez somente “possível” com um Ebó. Esse “pássaro azul”, (um [a] mulher?), (um [a] terra?), que no poema *Pássaro Azul* figura a resistência com força de mito:

Oxum leva ebó ao Orum e salva a Terra da seca

Uma vez Olodumare quis castigar os homens.

Então levou as águas da Terra para o Céu.

A terra tornou-se infecunda.

Homens e animais sucumbiam pela sede.

Ifá foi consultado.

Foi dito que se fizesse um ebó.

8 DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 1966.

Com bolos, ovos, linha preta e linha branca,
com uma agulha e com um galo.
Oxum encarregou-se de levar o ebó ao Céu.
No caminho Oxum encontrou Exu
e ofereceu-lhe os fios e a agulha.
Em seguida encontrou Obatalá
e entregou-lhe os ovos.
Obatalá ensinou-lhe o caminho da porta do Céu.
Lá chegando, Oxum encontrou um grupo de crianças
e repartiu entre elas os bolos que levava.
Olodumare viu tudo aquilo e se comoveu.
Olodumare devolveu à Terra a água retida no Céu
e tudo voltou a prosperar⁹.

Luís Heleno Montoril Del Castilo

9 PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Pássaro Falhado

EBÓ

Embora na boca ainda sintas o gosto úmido da terra,
no peito há um osso sufocando o engano.

Embora teus olhos não tenham mais a mesma ternura,
porque vivem cheios

de sal

e areia,

—do cansaço de estar sempre olhando para trás—

tens em tuas mãos as veredas,
que aos olhos sensíveis à magia preta,

leem a cena do pássaro monstruoso
abatido por uma só flecha
de teu Ofá,

o pássaro das Iá Mi Oxorongá,
as feiticeiras.

Para lembrar Orí desse acontecimento mítico
e abrir caminhos
para o ser: tão possível.

É PRECISO CUIDAR BEM DA VIDA,
(esse vulto de fio frágil refletido na poça d'água)
porque
gota
 pós
 gota
de chuva vespertina
vacila
 e em vagas some

SALTO PARA A VIDA

uma criança

—esperança—

aquela

—dos olhos verdes—

suicida

MATA

Facho de luz na floresta,
a Vida se dizendo pelas frestas:

mata

a loucura que te aflige
e faz roer pedras

—com os dentes—

Mata

a ânsia por ruminar passados,
alimentando a acidez que te devora

o esôfago

e o verme que te perfura o estômago.

Assim adentra o vasto verde da floresta

e

escuta:

a luz que reflete no orvalho,
a raiz que se transforma em espinho.

Disso nutrido, reconhecerás tua força telúrica e ancestral
e atravessarás sem temer a canção:

a Vida não te guarda segredos,

tu que dela te segredas.

SUBSCRITO

toda derrota

uma rota

toda escrita

o risco

a cripta

OFÍCIO

porque o poema pesa,
o peito não cala a

poesia:

terra que a lágrima água,
húmus do qual me sorvo
e me sirvo,
regurgitado.



RESÍDUO

neste ermo precário,
que um dia revelada
foi a vida

caminhamos.

PARA PAULO PLÍNIO ABREU

Acho que compreendo tua prece, poeta.

O fingir a fuga,

esse país desconhecido que habitas,

a vida sendo em tua carne:

tudo

sinal e mito.

ARRAIGADA NO CORAÇÃO DO TEMPO,
ouço tua Voz a ribombar histórias da Floresta

Reverencio tua grandeza,
que faz
dos meus olhos

duas canoas

sobre um rio

ASSUMPÇÃO

O mar à pedra ascendeu
A pedra ao mar se deu
:
Itamar

À TARDE

Toco tua pele e teus pelos com a ponta de meus dedos. Sinto
o serpentear de tua seiva quando te pões em mim como concha,
sibilando em meu ouvido palavras de um fogo-fátuo
que brotam do mistério do teu corpo ígneo,
o suficiente para nos fazer ranger os dentes e sentir se desmancharem em
líquido branco e espesso.

Nossa carne queima e as vísceras crepitam em meio a essa pira.

SUBTERRÂNEA

Silentes,
vagarosos,
os dedos se intrometem

em tua terra.
Asteroides que atravessam a atmosfera.
Sulcos cintilantes no horizonte
__inscrição subterrânea__

Se sobrepondo
com tardança de sol nascendo,
teu sumo
se soma ao gesto.

MODORRENTAS TARDES DE OUTUBRO

guardam um desejo escuso e devasso
que se precipita

encharcando a pele lençóis dobrados

pelos e poros entranhados
por um cheiro úmido de amor e aço

MIRANDO O POENTE

tu ganhas o rio

na dobra do verso

no envesso da pele

deságuas nascendo

em gozo febril

PERGUNTE AO PÓ

*um dia
quando estivermos
diante do mar
diz ele pra mim?*

o mar

é um mito

a quem nos lançamos

comovidos

pelo rumor da promessa

que sussurra sua brisa

MENINO VELHO

para Elias e Seu Henrique (em memória)

Teus pés são antigos como os de teu pai,
só não têm as mesmas marcas da caminhada
porque és menino
velho, só no querer ser.

Pode até parecer que o tempo tenha te pregado uma peça.
É que ele só entende os humanos pela antiguidade dos pés,
e os pés que o tempo tem são ainda mais antigos e marcados que os
teus ou os de teu pai.

(esse menino,
ele não sabe passar como nós)

Então, nasceste
um velho Carvalho:

da tua força e sabedoria ancestrais,
jamais te esquece, sempre te lembra:
do teu pai na varanda da casa,
e aguarda
sereno,
a luz crepuscular refletir no alto daquela copa
enquanto sorriem e acenam aqueles que passam
sob o manto orvalhado dos seus olhos.

CASAQUARTO

nosso tempo-templo
um Congá

Xaxará Abebé Ofá
a bênção VóVôs

que nossos pés pisem firmes
as dobras do pensamento

se há folhas no caminho
habitamos um lar

NO PAPEL MANCHADO DE AZUL, longe,
o urubu inscreve seu negro-voou,
antevendo os cortes daquele dia.

Ele sabe,
tendo findado o dia,
não seja apenas a barriga mole dum peixe que estará aberta sobre a tábua fria...

... mais tarde talvez chova e as feridas se tornem charco. E sob a mesma chuva.

E sob o mesmo olhar atento do urubu,
de dentro das feridas alagadas se ouvirão pisadas embebecidas a salpicar suor chorume e sangue, porque estarão dançando,
aliviados,

aqueles corpos cansados dos sóis de meio-dia.

—prólogo—

mais um dia amanhece a pesar os peixes, apesar dos mortos,
a pesar os porcos,

apesar dos mortos,

a pesar as aves,
a velar os corpos,

apesar do cheiro nesta cidade.

digo, apesar de Max.

— nesta manhã que me nasce é Oxóssi.

OS PÉS DE TRÊS TRABALHADORES RURAIS

Cérbero ao avesso:

pés que guardam a entrada
para um outro mundo: não o subterrâneo.

O soterrado.

Não o dos mortos, o dos vivos.

UMA REVOLUÇÃO HÁ DE SER SILENCIOSA:
explosão estelar
ou chuva de meteoros.

KRÔNKA

K
á
u
d a
n s
v O mnemônicas O
de ti
e em ti
se esvaem
d e jazem r
todas
as
l
e
m
n b
r
a
n s
ç
a
s
a
s
O

03 DE OUTUBRO DE 2022

Deságua num sol o horizonte,

nascente de afetos

.....

arame farpado nenhum

nos impedirá.

ESTE NOSSO DESTINO

de ser humano,
não rutila ante a escuridão pálida e senil
desses monstros engravatados,
sorrindo cínicos em seus cadafalsos,
indignos de mãe pai e pátria.

este nosso destino de ser

humano

—Vida & Morte—

para

se nada for feito
agora

ABRIGA O RIO E O RITO
abriga o Sagrado da Terra
ecoa os Segredos da Noite
ascende os mistérios do Fogo
que voga velado no corpo
o desejo cioso
de multidões
:
o amor
o pão

SANGRADO

o rito

se faz

Rio

Sagrado

o grito

fez

Silêncio

E N R A I V A D A
a boca se arreganha
a língua ex-garça
a garganta-gruta ex-pele

o g r i t o

- rio e rito -

eocorpotodomedóideixai-mechorarumpouco

que o rio ainda não basta

o rito ainda não basta

grito

e ainda não basta

não basta

FERA VOZ

ainda oclusa. Até quando,
se há muito homens-engrenagens
açoitam as rochas de tua gruta?

Que não seja a cólera tua ruína,
senão o martelo a bradar na forja os grilhões
dos que da vida arrancaram o Silêncio.

Sem língua sobrou o povo cuja nação,
de assoberbados e obtusos,
repete a torre em busca do aceite de um deus
que é deles
a imagem e semelhança,
a própria selvageria.

NATIVO

1

Terra escravizada de teu corpo,
Noite escandalizada de teu corpo,
O Mito sem a voz
do teu corpo
—paisagem tumular—

corpo que não possui valia,
senão por prazer e minério. Vil
mercadoria dos que nos arrancaram a alma.

2

Dentro de tua canoa
põe tuas feridas.
Leva para lavar nas águas do rio verde.

Com teus olhos de dentro, ouves!
Vento trazer de longe
a memória do quando e do agora entre margens
era o cantar o dançar o guerrear,
jamais temer o céu cair.

Em tua boca de pele gropa e garça língua,
nem o rio
nem o rito [bastam].

Mas a Fera,
essa inconstância que herdadas desta Terra Noite:
 o mal-estar no sono dos civilizados.

Porque teu Mundo é vários
e não cabe no sonho dessa gente.

ESCR ÍTA

a pedra

se amiúda

monumento

-eu-

dela

não quero apenas

o artefato

quero dela

ela mesma

a pedra

movimento

PALAVRAS IMPRONUNCIADAS,
conserva todas numa louça
de barro.

Chegado o tempo oportuno,
o barro volta ao Reino,
onde palavras
aguardam
desabitar o silêncio.

DEVOROU OS ÚLTIMOS COPOS QUE HAVIA NA DESPENSA.

Cacos de língua entre os dentes e gengivas laceradas,
botaram em tua boca o gosto do poema.

VER EM TEU SEIO O AZUL,
cio e forma. Semovência.

Fenda.

a Escritura nu a(r)

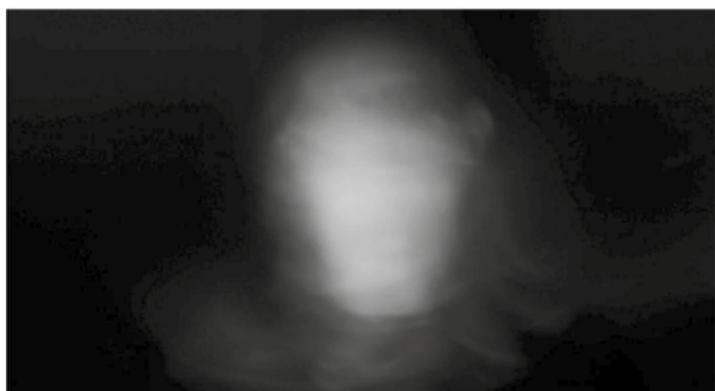
: Rio insone onde me deita.

Espelho de teus pensamentos desassossegados

– estrelas lacrimosas –

a perder de vista na noite do absoluto.







desejo do corpo

hábito do rio

o ir inquietude

NOME

Talvez porque não possa me desnudar sem que seja isso um convite,
é que emudeço ao dizer meu nome.

Talvez porque meu nome seja um pano branco
que me desnatura a pele,

é que se tornou árida.
Sudário corrosivo, tecido afável,

afago de mãos que já se amaram,
tecendo as sendas do que hoje

é fervor subcutâneo,
vindo dos Santos,

do nobre brilho,
das batalhas vencidas

contra deus e o diabo
nesta terra de sóis d'água.

PÁSSARO FALHADO

sei da cor de tua terra-pele
sei do cheiro de tua terra nua
sei o quanto teu coração aflito a cada escama caída
anseia o beijo da ave noturna,

pássaro falhado que voa rasteiro
e desconhece o repouso. Como temer quem no escuro vive
em liberdade com que se lhe destina, quando sombrio é
o que caminha para a noite e já não sabe morrer?

o orvalho em teus olhos
sei
 segreda o desejo
estarem fechados
 e ver

ESTRANHO

como o choro que não matou a sede
e secou a infância,

engoliu o menino.

de engolir desejos, ao homem restou a fome.
cedo descobriu-se

um estranho “Comedor de Fogo”.
antipático saltimbanco,

arma o circo de sua vida
e sob a lona dos dias

o espetáculo
de so m bras...

DEVE TER UM NOME PARA QUEM TEM FOBIA ÀS FORMIGAS.

meu vizinho envenena o solo na esperança de acabar com elas.
ora, perfuram paredes e chão de cimento,
carregam trinta vezes o seu próprio peso,
imagina o que não poderiam fazer com ele!

o coitado manca de um lado e já não aguenta o peso da
própria barriga.
envenena o solo para adoecer as formigas e o envenenado é ele.
desatento,
não percebe o estrago que faz

uma pena
ao cair

no chão.

formigas possuem um propósito,
o meu vizinho
e o seu veneno
não.

tenta rivalizar contra a magnitude dos pequenos acontecimentos.
mal suporta saber,

por exemplo, que as abelhas são fabulosos insetos,
dignas de asas e raízes,
dão à luz o colorido sobre a terra

e se comunicam
dançando.

pobre humano (eu
que tem dificuldade para dançar, só
danço escondido)
o cinza-em-brasa é sua cor preferida.

se extinto
toda a fauna e flora dançará na floresta:
a vida que segue.

ainda assim
um humano que se atire ao mar
lá
em uma outra galáxia
provoca um tsunami aqui
no meu coração.

GRAVE E ANEDÓTICO, um senhor me lança aos ouvidos:

— Eu tô morrendo de baixo pra cima.

Mas tem gente que morre de cima pra baixo.

Era dia, manhã de trabalho dos feirantes;
não estava preparado para aquele enigma.

No depois, Exú quem disse:

— Meu filho, a vida e suas trocas se dá é no mercado.

PEQUENA BRANCA DE NEVE,

o que pode por ti essa fotografia?

Essa imagem de tua infância que tomou conta dos meus pensamentos.

Fábula e documento de uma alegria calada, de um sorriso contido.

Teus braços figuram o colo de um afeto interrompido?

Penso em tua puerícia e teu olhar me punge,

porque não sei de ti nada, senão essa fotografia – o espanto.

Será que sobre teus ombros de ébano

já pesa ter que maternar sete anões?

Ou em tua tenra idade

já te aplaca o desejo de forçar teus algozes

a calçar sapatos de ferro em brasa, para vê-los dançar até a morte?

A fábula

finge a infância,

acentua a diferença,

e o fotógrafo

tem de lutar muito

para que a fotografia não seja a morte.



THIAGO ALBERTO DOS SANTOS BATISTA (1988) é poeta, *Pássaro Falhado* é sua obra de estreia; tem poemas publicados no IV Prêmio Proex/UFPA de Literatura, livro “Antologia: Poesias, Crônicas e Contos”; no “VII Anuário da Poesia Paraense”, 2021, organizado pelo poeta Airton Souza; na instalação artística virtual “Habitar as ruínas: invenções e fabulações dos mundos por vir”, 2021, pelo projeto de cultura “Ser em rede”, departamento de letras da UNIRIO. É fotógrafo, revisor e preparador textual, e professor. Umbandista filho de Oxóssi; e pai do Bem, filho de Ogum.

MEZANINO
EDITORIAL

Este livro foi impresso em março de 2024,
composto em Minion Pro Regular.

porque o poema pesa,
o peito não cala a

poesia:

terra que a lágrima água,
húmus do qual me sorvo
e me sirvo,
regurgitado.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-65-85131-09-4



OBRA PREMIADA NO EDITAL 2023 DE OBRAS
LITERÁRIAS E DE NÃO FICÇÃO DA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ.



MEZANINO
EDITORIAL